

HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA DO /e/ E DO /o/ NO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO – ACRE

Antonieta Buriti de Souza Hosokawa (UFAC)

antonietaburiti@ig.com.br

Priscila Souza da Silva (UFAC)

priscilla_danca@hotmail.com

1. Introdução

Sendo a língua um produto social, considera-se importante mencionar o pensamento de Cunha (1968, p. 32) ao escrever que *toda língua é um museu histórico e cultura, um documento do relevante ou modesto papel que desempenharam os povos que a falam na vida do mundo*. Por esse motivo, não registrar os falares das comunidades da região acreana seria deixar de lado grande parte da cultura dos povos amazônicos e é por isso que nos propomos, neste trabalho, a descrever um aspecto fonético dos falares do Acre, a harmonização vocálica, mais precisamente do município de Rio Branco.

Esta pesquisa foi realizada no município de Rio Branco, com apenas 04 (quatro) informantes.

Nossa hipótese, baseada em observações informais, é que esse processo fonético-fonológico irá se realizar categoricamente nos dados.

Este trabalho está dividido em: apresentação do quadro das vogais do português do Brasil, proposto por Câmara Jr.; apresentação de conceitos e exemplos do processo da harmonização vocálica, bem como de estudos que enfocam este assunto, realizados sob óticas diversas, em vários locais do Brasil; apresentação da metodologia seguida no decorrer da pesquisa. Discussão de alguns resultados e considerações finais.

2. O quadro das vogais no português do Brasil, segundo Camara Jr.

São três os parâmetros articulatórios empregados para a classificação das vogais: ângulo de abertura do maxilar inferior; posição

da língua em relação ao palato duro e arredondamento ou não arredondamento dos lábios.

Utilizando o segundo parâmetro e partindo da posição tônica, que oferece maior nitidez dos traços distintivos, Câmara Jr. (1970) apresenta as vogais do português em um sistema triangular. No vértice mais baixo, encontra-se a vogal /a/, classificada como baixa; de acordo com a gradual elevação da língua, apresentam-se as vogais médias (divididas em médias de 1º e 2º graus); em seguida, as vogais altas.

No que se refere à posição da língua em posição ao palato duro, classificam-se as vogais da seguinte forma: vogal anterior (caracterizada pelo avanço da parte anterior da língua); posterior (caracterizada pelo recuo da parte posterior da língua e arredondamento dos lábios); e central.

Abaixo, temos a representação do sistema, segundo Câmara Jr. (1970), com as sete vogais orais na posição tônica.

Tônica			
Altas	/i/	/u/	
Médias	/e/	/o/	2º grau
Médias	/E/	/O/	1º grau
Baixa	/a/		
<u>anteriores</u>	central	posteriores	

Esse quadro é alterado nas posições átonas, devido à neutralização, que consiste na perda da capacidade distintiva de um fonema em determinado contexto. Os sete fonemas vocálicos se reduzem a cinco na posição pretônica, num processo denominado redução vocálica. Dessa forma, a oposição que existia entre /e/ e /E/ e entre /o/ e /O/ na pausa tônica deixa de existir.

Pretônica



Na posição átona final, o quadro, segundo Câmara Jr., reduz-se mais ainda, apresentando somente três vogais [I, U, a]. Note-se, no entanto, que estudos realizados em diversas partes do Brasil, notadamente no sul, têm demonstrado que em algumas localidades, o /e/ e o /o/ se mantêm na posição átona final.

Pós-tônica final



Este trabalho está voltado para um processo fonético que geralmente ocorre com as vogais na posição pretônica, a harmonização vocálica, razão pela qual passamos a apresentar estudos sobre esse tema específico.

3. *Harmonização vocálica*

Harmonização vocálica é um processo fonético em que ocorre uma “tendência de assimilação vocálica tradicional no português, em que uma vogal média pretônica cede espaço à correspondente alta da mesma zona articulatória por influência da vogal tônica alta” (CAVALIÈRE, s./d.). Exemplos clássicos desse processo são m[i]nino por m[e]nino e c[u]ruja por coruja. Para Bisol (2007, p. 285), trata-se do processo pelo qual as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ assimilam o traço de altura das vogais altas /i/ e /u/. Crowley (2003) escreve

que é a assimilação de uma ou mais características de uma vogal para outra ou até para outras vogais na mesma palavra.

Em outras palavras, podemos dizer que esse processo se define pela elevação das vogais médias pretônicas por influência de vogal alta presente na sílaba tônica seguinte. A vogal média da sílaba pretônica se eleva, procurando estabelecer uma “harmonia” entre ela e a tônica que a sucede.

Bisol (1981, p. 259), em sua tese de doutorado, realizou pesquisa que trata do comportamento das vogais médias em posição pretônica na fala de moradores do estado do Rio Grande do Sul. Dentre suas conclusões gerais, destacam-se:

As vogais /e/ e /o/ assumem diferentes realizações na posição pretônica: ora como médias (/e/ e /o/), ora como altas (/i/ e /u/), e ora como vogal de timbre intermediário, que entre as duas se coloca.

A regularidade com que a mudança da pretônica ocorre em certos ambientes permite depreender a sistematicidade do fenômeno e descrevê-lo como uma regra gramatical.

– A harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto.

Ainda em relação ao processo de harmonização vocálica, Bisol faz interessantes colocações, destacando que a vogal alta /i/ tem o poder de causar a elevação de ambas as vogais médias (/e/ e /o/), enquanto a vogal /u/ possui mais forte atuação sobre /o/. De acordo com a autora, isso ocorre devido a uma “economia de espaço articulatorio”. Isso ocorre porque embora /i/ e /u/ sejam classificadas como vogais altas, não se encontram em um mesmo nível de altura. A autora afirma: “a mais alta posição da língua é a que corresponde à emissão da vogal /i/, enquanto /u/ se põe em diagonal com /e/, dele não se distanciando tanto em altura quanto /i/ se distancia de /e/” (1981, p. 114). Tal fato ocorre, segundo a pesquisadora, por uma razão fisiológica: “o espaço na cavidade bucal para a emissão das vogais anteriores é maior do que o espaço destinado à emissão das posteriores” (1981, p. 114). A partir disso, é possível concluir que a vogal /u/ é menos alta que a vogal /i/. Dessa forma, é natural que /u/ não exerça sua força atrativa sobre /e/, pois alçá-la seria provocar uma articulação mais alta que a própria.

Segundo Bortoni, Gomes e Malvar (1992), a tradição filológica explica a variação das pretônicas em português através da regra de harmonização vocálica, em que a vogal média pretônica é assimilada à alta da sílaba tônica. É, portanto, um fenômeno de assimilação regressiva.

A exemplo dos autores anteriores, Câmara Jr. (1996) trata a harmonização vocálica como o principal fator para que as médias [e] e [o] pretônicas se alterem, mas aponta um outro contexto, a sua presença em hiato com um [a] tônico.

Battisti e Vieira (2001) afirmam que a harmonização vocálica é um caso de variação que não causa alteração no sistema e não tem o caráter fonológico da neutralização. Dessa forma, podemos encontrar variantes como: *coruja* > *curuja*, *vestido* > *vistido* etc. No entanto, nem todos os casos de açamento podem ser explicados pela harmonização vocálica, como em *vuar*, *passiar* etc. Câmara Jr., em 1970, já interpretava esses exemplos como casos de debordamento, ou seja, os valores de /e/ e /o/ acumulam-se sobre /i/ e /u/. O autor acrescenta que se trata de uma flutuação dentro do sistema, que atrofia ou hipertrofia elementos dele.

A Sociolinguística Quantitativa, nas análises realizadas em alguns falares brasileiros, confirma a presença de uma vogal alta na sílaba subsequente, tônica ou não, como condicionante da variação, embora haja uma assimetria no comportamento das vogais [i] e [u] como propulsoras do processo de alteamento (LEITE; MORAES; CALLOU, 2002), ou seja, a vogal alta anterior é mais favorável ao fenômeno do que a vogal alta posterior.

No entanto, não são somente as vogais [i] e [u] que funcionam como condicionantes favoráveis à harmonização, as consoantes adjacentes também podem ser relevantes para tal processo:

– A lateral palatal, grafada lh, tem o efeito de altear a vogal (c[u]lher e m[i]lhor).

– As consoantes labiais (p/b, f/v, m) provocam a elevação apenas de o, como em m[u]leque, b[u]neca, apesar da presença em sílaba tônica de uma vogal aberta” (LEITE; MORAES; CALLOU, 2002).

– O alteamento presente em palavras como [i]special, d[i]sfile e d[u]ença, por sua vez, revela a variação sensível ainda ao padrão silábico.

co: sílabas iniciais travadas por /S/ e em hiatos (LEITE; MORAES; CALLOU, 2002).

A propósito da ocorrência da harmonização vocálica em função da influência de consoantes adjacentes e não da vogal sílaba tônica, Carneiro e Magalhães (s./d.) dão exemplos como m[u]leque por m[o]leque, b[u]cejar por b[o]cejar, c[u]légio por c[o]légio.

De nossa parte, nesses casos, preferimos creditar a elevação das médias a efeitos de coarticulação entre consoantes e vogais, deixando de lado a harmonização vocálica como causa do processo, embora, eventualmente, a alteração possa harmonizar as vogais da palavra.

Quanto aos estudos desenvolvidos no Brasil sobre essa temática, grande parte se baseia em pressupostos teóricos do modelo neogramático ou do modelo da difusão lexical. Embora não descartemos os aportes desses estudos, nossa fundamentação estará calcada na fonética e na linguística histórica.

4. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida apenas em Rio Branco, devendo ser completada posteriormente.

Foram entrevistados um homem na faixa etária B (de 35 a 45 anos) um da faixa etária A e duas mulheres, a primeira na faixa etária A (de 18 a 25 anos) e a segunda na faixa etária B. Três informantes possuem terceiro grau incompleto e um superior completo; esse procedimento faz parte das recomendações do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB).

O questionário utilizado foi o do Atlas Linguístico do Brasil A(LiB). Todas as gravações foram feitas no CED-AC com um microcomputador ao qual foi acoplado um microfone unidirecional da marca *shure*. A transcrição grafemática das entrevistas completas foi efetuada, bem como a transcrição fonética das respostas ao questionário fonético-fonológico.

Todo o material de campo foi arquivado, obedecendo a um rigoroso processo de identificação e catalogação, de forma a garantir

o acesso imediato para análise e consulta, seguindo os modelos do ALiB.

5. *Discussão dos dados*

O *corpus* foi constituído de 108 produções¹ contendo /e/ (52) e /o/ (56) em posição pretônica. Trataremos dos dois casos separadamente. As palavras em que aparecem /e/ em posição pretônica foram: *tesoura, isqueiro, cebola, estrada, desvio, seguro, emprego, escola, mentira, ferida, desmaio, encontrar, esquerdo*. As palavras com /o/ na mesma posição foram: *gordura, colher, tomate, botar, bonito, ovelha, borboleta, borracha, companheiro, inocente, orelha, joelho, dormindo, assoviar*.

Da observação dos casos, depreendemos que, em relação a /e/, 12 (23%) das 52 produções sofreram alteamento e em relação a /o/ 13 (23%) das 56 produções também se alteraram, com o mesmo processo. Esses percentuais são mais bem visualizados nos gráficos 1 e 2, a seguir.

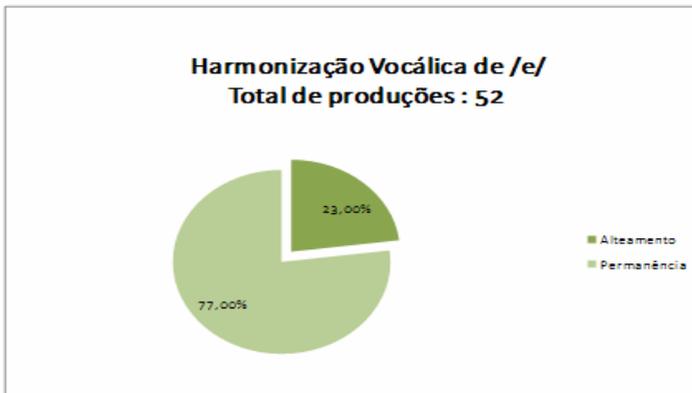


Gráfico 1

¹ 13 palavras com [e] + 14 palavras com [o] = 27 x 4 = 108.

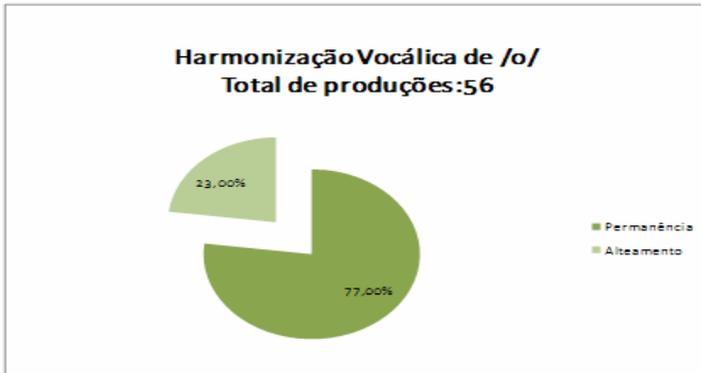


Gráfico 2

Os gráficos 1 e 2 mostram as estatísticas da aplicação da regra de alteamento das duas vogais em nosso *corpus*, com percentuais absolutamente iguais para os dois segmentos. Observe-se que o percentual de alteamento, 23% para os dois casos, não é alto, bastante abaixo da metade do total de 108 produções. Isso pode ser explicado pelo fato de os informantes possuírem nível superior completo e/ou incompleto, por isso apresentar um grau maior de cuidado com a fala.

Os casos em que houve alteamento da vogal [e] foram os seguintes: f[i]rida por f[e]rida; [i]strada por [e]strada; d[i]svio por d[e]svio; [i]mprego por [e]mprego; [i]ncontrar por [e]ncontrar. Dessas ocorrências, somente duas se caracterizam como casos realmente efetivos de harmonização vocálica, em que, conforme vimos nos diversos conceitos mostrados anteriormente, a vogal média da sílaba pretônica sofre os efeitos da vogal alta da sílaba seguinte, acabando por assimilar o traço alto desta última. Assim, [e] de “ferida” e de “desvio” são pronunciadas [i].

Os demais casos, ou seja, [e] de “estrada”, de “emprego” e de “encontrar” se encaixam mais na condição da influência da consoante adjacente [S] na primeira e do traço de nasalidade nas duas últimas.

Curiosamente, houve um caso inverso, de abaixamento da vogal alta [i] para a média [e], em [e]squeiro por [i]squeiro.

Os casos em que houve alteração de [o] foram: b[u]nito por b[o]nito; c[u]lher por c[o]lher; b[u]tar por b[o]tar; borb[u]leta por borb[o]leta; d[u]rmindo por d[o]rmindo ; ass[u]viar por ass[o]viar ; j[u]elho por j[o]elho. A exemplo do que ocorreu com [e], alguns casos não se tratam exatamente de harmonização vocálica. Assim, o [u] no lugar de [o] em “colher”, “botar”, “borboleta” não estão sob a influência de uma vogal alta na sílaba seguinte, simplesmente pelo fato de esta vogal ser média [e] em colher e baixa [a] em botar; parece-nos que [o] nesses casos está sob a influência da consoante velar [k] em “colher” e da consoante bilabial [b] em “botar”. O mesmo ocorre com o [u] de “joelho” que sofre a influência da consoante [Z], não havendo vogal alta na sílaba tônica.

Em d[u]rmindo e ass[u]viar, interpretamos que estejam ocorrendo os dois fatores: a influência da vogal alta [i] da sílaba tônica, sendo, portanto, harmonização vocálica, e a influência de [d] e de [S]. Note-se, contudo, que a altura da vogal tônica [i] não é a mesma do [o].

Em relação ao fator gênero, condicionante sempre apontado nas pesquisas sobre o assunto, observamos a seguinte situação: das 26 produções de /e/, houve 9 (35%) alterações por parte das mulheres e das 28 produções de /o/, houve 13 (46%) alterações, também por parte delas.

Já o homem alteou a vogal /e/ em 3 (12%) das 23 produções e alteou, também 3 (11%) das 28 produções de /o/ .

Apresentamos os gráficos 3, 4, 5 e 6 para melhor visualização desses percentuais.

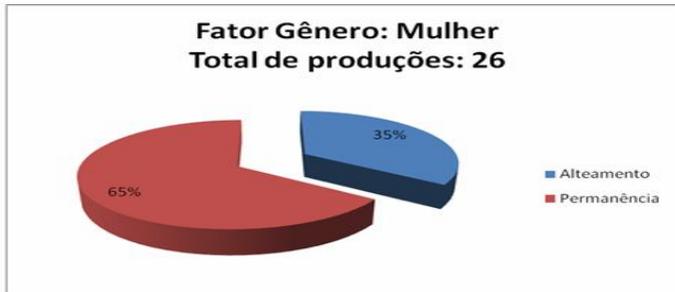


Gráfico 3 – Alteamento /e/

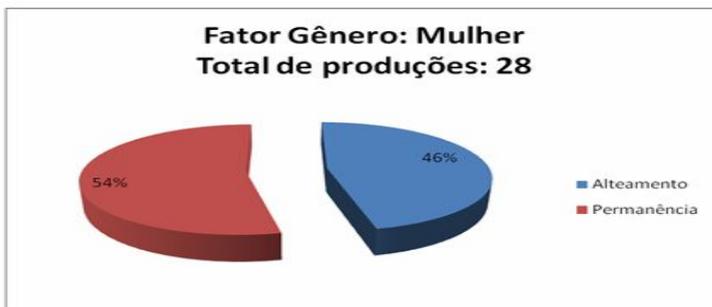


Gráfico 4 – Alteamento de /o/

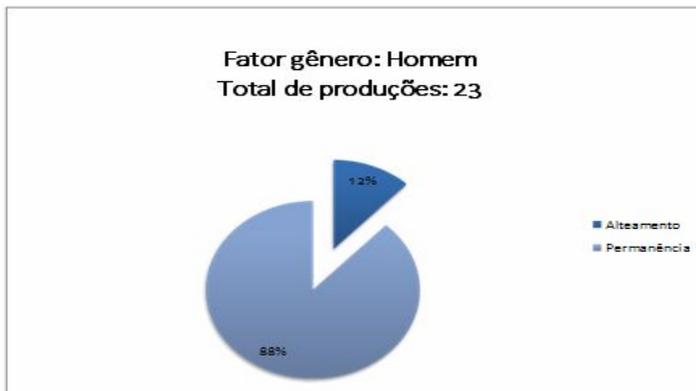


Gráfico 5 – Alteamento de /e/

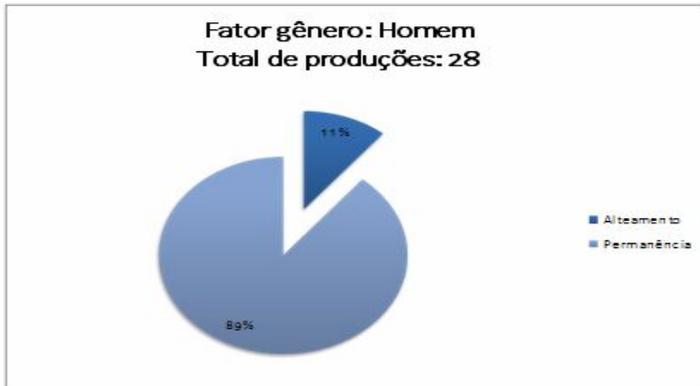


Gráfico 6 – Alteamento de /o/

O fator gênero se mostrou pouco relevante nesta pesquisa, como é possível observar. Os índices são mais ou menos equânimes, e mostram que o comportamento linguístico de homens e mulheres é bastante parecido.

Essa constatação vem contrariar a hipótese de que as mulheres seriam mais conservadoras, mantendo-se mais fiéis à norma padrão do que os homens.

6. Considerações finais

Concluimos que a regra de alteamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ não ocorreu de forma significativa no *corpus* em estudo, contudo, este resultado pode decorrer do fato de os informantes terem concluído ou estarem cursando nível superior, tendo, portanto, maior cuidado com a fala. Posteriormente, faremos gravações com pessoas que tenham cursado nível fundamental e médio, assim, acreditamos que a situação poderá se mostrar diferente.

Percebemos, também, a necessidade de ampliar o *corpus*, prevendo palavras em que possam ocorrer, efetivamente, casos de harmonização vocálica sem intervenção de consoantes adjacentes aos sons examinados.

Por fim, consideramos importante efetuar gravações de conversas em que os informantes irão se exprimir de forma mais espontânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). *A geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.

ARAUJO, Aluíza Alves de. *O alteamento da pretônica/e/ no falar popular de Fortaleza: Uma abordagem variacionista*. [Inédito].

BATTISTI, E; VIEIRA, M. J. B.. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BISOL, L.. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____; _____. COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon* – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 5, n. 18, 1991, p. 71-78.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARNEIRO, D. R. *O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari*. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/4135/3082>. Acesso em: 25 out. 2009.

CAVALIÈRE, R. Aspectos fonológicos do português contemporâneo. *Cadernos da Academia Brasileira de Filologia*, v. 1, n. 1. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/volume1/numero1/03.htm>. Acesso em: 20 mar. 2010.

CRISTOFARO-SILVA, Thais. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudo e guia de exercícios*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa/GO: A pronúncia das vogais médias pretônicas*. Brasília, 2008. Dissertação de mestrado em linguística.

LEMOS, Fernando Antônio Pereira. *O alicamento das vogais médias pretônicas e postônicas finais*. CEFET-MG.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Português brasileiro: raízes e trajetórias. *Ciência Hoje – conquista e colonização*, V. 15, n. 86, 1992, p.76-81.